

Outro dia fiz anos - e por sinal que muitos, Deus seja louvado. O fato é meio melancólico; e na hora de me pentear não pude evitar permanecer alguns instantes diante do espelho. Trata-se de um amigo velho, porém ruim, que nunca se lembrou de me dizer coisas agradáveis; e com a passagem do tempo vai piorando de franqueza. Por isso, talvez, eu o frequente raríssimo. Não me consternei com a velha cara; à força de não ter outra já me acostumei com essa. Mas um homem posto diante de si mesmo é sempre um acontecimento triste - e não ser para os loucos e os fátuos.

Se pensei em coisas particulares, que elas fiquem pensadas por mim, e não ditas, porque na verdade a ninguém interessam. Mas também me puz a pensar nos homens de minha idade, nos companheiros de turma já não digo de escola mas de trabalhos e vida; e, às vezes de ideias. Tenho hoje 35 anos, e o que pensei foi isto: em como teve importância na vida dos homens de minha geração e ofício a temporada de ditadura. Essa ditadura, no aspecto que mais interessa ao caso - a opressão política, a falta de liberdade de imprensa - , durou, na prática, dez anos, de 35 a 45. Isso quer dizer: dos 22 aos 32 anos vivemos, com breves intervalos, sujeitos ao lapis do censor e às vezes à cadeia. Fomos obrigados, nós que temos por ofício dizer o que pensamos e sentimos, a dizer as coisas pela metade, ou de maneira torta, ou a calar.

É possível que o país não tenha perdido grande coisa com isso, e é capaz mesmo de literatura nacional ter lucrado - pelo menos no seu caso. Mas não posso julgar os outros por mim, e não os julgo. Durante esses dez anos ouvimos, em cada São Silvestre, discursos de um ditador; e, stravez dos meses, glorias a esses discursos, côre orfeonico de louvores. Não duvido que outras gerações tenham sido também prejudicadas. Mas essa que o ditador amardçou entre os 20 e os 30 anos, roubando-lhe, digamos assim, seu primeiro decenio de cidadania - essa, entre todas, é talvez a que mais merece ser lamentada.

E tudo isso em nome de que? Em nome de coisa alguma. Foi para nada que nos fizeram isso. Foi para não dizer nada que nos sufocaram a voz. Foi com o mais melancólico e incoerente dos calhamaços - seus discursos, que nem ao menos eram seus - que o ditador, em meio ao nosso silêncio, forçou as portas da Academia.

É desse pequeno homem, extraordinariamente mediocre e fátuo, que me lembro no dia do aniversário. Na fase de nossa melhor mocidade tivemos o caminho stravancado pela barriguinha da Guia da Nacionalidade...

Zenobio da Costa ~~acanhava~~ que ficava feio negro desfilar. Ir para a Italia e morrer por lá, estava bem; mas desfilar na Avenida, não. Houve ~~impediam~~ <sup>(menos)</sup> pelos um capitão que reagiu: justou seus homens, disse que tinha recebido aquela ordem e que não estava disposto a cumpril-a. Esse brioso rapaz perdeu seu comando e só pela intervenção de varios coroneis e generais não foi mandado para uma guarnição distante. Teve de mobilisar "pistolões" para conseguir ir para a Italia no segundo Escalão, quando já lá estava ~~presente~~ o general Zenóbio da Costa - que, por sinal, não é um homem tão alvo nem tão ~~delicadamente~~ dolicocefálicamente louro como ~~dessejam~~ talvez desejasse ...

Nunca narrei esse incidente melancólico - porque, confesso, isso me dá uma espécie de vergonha. Mas agora é ~~momento~~ bem o momento ~~de contar~~ de contar - visto que, do alto de suas altas funções o general Zenobio resolveu ditar lições ~~de democracia~~ de democracia ... que, de resto, foram religiosamente escutadas e seguidas.

~~1~~

*Araken Braz*